

OS CASTIGOS NAS ESCOLAS ÉTNICAS DA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO
GRANDE DO SUL: MEMÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO (1896- 1928)

*The punishment in schools of ethnic Italian Colonial Region of Rio Grande do Sul:
memories of schooling (1896 - 1928)*

Luciane Sgarbi S. Grazziotin*
Dóris Bittencourt Almeida**

RESUMO

A constituição dos tempos e espaços da escola, bem como seus artefatos, materializa hoje o universo da educação de outros tempos. Esses são alguns dos focos de interesse das pesquisas em História da Educação, que compõem a chamada “Cultura Escolar”. Essa pesquisa tem como objetivo discutir os castigos escolares como parte dessa Cultura. Utiliza-se, para isso, das memórias de 14 sujeitos que foram professores e alunos entre os anos de 1896 a 1928 na Região Colonial Italiana da Serra Gaúcha, se atendo principalmente a zona rural. Os documentos orais analisados apresentam informações relacionadas ao cotidiano escolar, na época da imigração e alguns anos posteriores a ela. Esse universo de informações relatadas nas memórias deu visibilidade a diferentes dimensões relativas à história da educação nas Colônias. Desse modo, foi possível delinear as práticas utilizadas no ambiente escolar relativas às punições, aspecto da cultura escolar que vem sendo tematizados por pesquisadores em diferentes regiões do país. No conjunto de memórias, foi possível analisar distintas maneiras de perceber o contexto escolar além daquelas cristalizadas pelas representações construídas a partir dos referenciais homogeneizadores da identidade italiana e das leis vigentes na época. É importante salientar que os castigos não eram, de fato, aconselhados ou legalmente estimulados, pelo contrário, existia oficialmente um discurso para que fosse minimizada ou mesmo suprimida sua aplicação.

Palavras- chave: memória, castigos escolares, região colonial italiana, zona rural

ABSTRACT

The constitution of the times and spaces of the school and its artifacts, the universe now materialized education of other times. These are some of the focus of interest of research in History of Education, composing the so-called “School Culture”. This research aims to discuss the school punishments as part of that culture. It is used to this, the memories of 14 subjects who were teachers and students between the years 1896 to 1928 in the Colonial Italian region of Serra Gaúcha, sticking mainly to the countryside. The documents have analyzed oral information related to the school routine, at the time of immigration and some years beyond it. This universe of information reported in the memoirs gave visibility to different dimensions on the history of education in the Colonies. Thus, it was possible to delineate the practices used in the school environment concerning punishments aspect of school culture that has been themed by researchers in diffe-

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, na Linha de pesquisa de Educação, História e Políticas. E-mail: lusgarbi@terra.com.br

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Faculdade de Educação da UFRGS. E-mail: almeida.doris@gmail.com;

rent regions of the country. In the set of memories, it was possible to analyze different ways of perceiving the school context than those crystallized by the representations constructed from the reference homogenizers of Italian identity and the laws in force at the time. It is noteworthy that the punishments were not, in fact, legally advised or encouraged, by contrast, there was officially a speech to be minimized or even eliminated their application.

Keywords: memory, school punishment, Italian colonial region, rural zone

A pesquisa aqui desenvolvida analisa diferentes aspectos da Educação, em uma determinada região do Rio Grande do Sul/BR conhecida como Região Colonial Italiana - RCI, partindo das memórias de professores que foram alunos nesse espaço entre os anos de 1896 e 1928. A investigação se atém principalmente a região rural que compreendia as Antigas Colônias de imigração Italiana - Conde D’eu, Dona Isabel, Caxias e Antonio Prado, atualmente compondo os municípios de Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, entre outros. O trabalho tem como base inicial um projeto mais amplo denominado “Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas da Região Nordeste do Rio Grande do Sul/ECIRS”, desenvolvido desde o ano de 1982. Em sua trajetória, o Projeto inventariou elementos de diferentes segmentos, como arquitetura, cultura material, usos e costumes, literatura oral e aspectos relacionados à educação, nos municípios originários das Antigas Colônias. Tais segmentos, embora elencados para investigação, não necessariamente foram levados a termo, sendo o caso da educação.

É através de um projeto que iniciou em 2008 denominado, “Italianidade e educação: entrelaçando História e memórias” que principiou o processo de análise dos dados referentes à educação.

No que se refere à história da educação especificamente, o acervo de memória do projeto ECIRS conta com o total de trinta depoimentos de sujeitos nascidos entre os anos de 1898 e 1927. Todos viveram nos municípios pertencentes às Antigas Colônias e tiveram sua escolarização, parcial ou totalmente, realizada nessa região. Entre os sujeitos entrevistados, vinte e dois exerceram a profissão de professor entre as décadas de 1900 a 1940. Oito dos entrevistados não exerceram a docência. As memórias foram coletadas entre os anos de 1984 e 1990.

O projeto de institucionalizar um acervo de memória baseou-se na História Oral como metodologia e se constituiu de entrevistas gravadas em fitas cassete, elaboradas com a característica de depoimentos orientados por um questionário temático. As entrevistas foram transcritas na íntegra permanecendo disponíveis para consulta de pesquisadores interessados.

Os documentos orais apresentam informações relacionadas ao cotidiano escolar na época da imigração e alguns anos posteriores a ela. Esse universo de informações relatadas nas memórias pertencentes ao Acervo permite investigar diferentes dimensões relativas à história da educação, potencializando esse tema. O artigo que apresentamos trata de algumas práticas da cultura escolar, mais especificamente dos castigos utilizados de forma “pedagógica” nas escolas da RCI, que emergem nas lembranças dos entrevistados.

Independente das discussões que o tema da utilização da memória como documento possa suscitar, é conveniente lembrar que testemunhos, histórias de vida, autobiografias, lembranças, em fim as chamadas narrações não ficcionais com um imenso caráter subjetivo, caracterizam várias das metodologias de pesquisa na área das humanidades a partir dos anos 60 e 70 do século XX.

Sustenta-se a ideia de que “os sujeitos não só tem experiência como podem comunicá-las” (SARLO, 2007, p. 39). Assim,

“A memória e os relatos de memória seriam a “cura” da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma verdade, florescem em contra partida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que [...] considerava-se submerso [...]. Não há verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente tornam-se cognoscíveis. (SARLO, 2007, P. 39)

É com a perspectiva discutida por Sarlo que se garimpou, nas memórias, um pouco da Região Colonial Itália e sua educação, são sujeitos tornando-se cognoscíveis e trazendo fragmentos de uma educação, compondo, a mediada que se analisa as memórias, um universo específico de uma cultura escolar, possivelmente apagada em algumas dimensões. Uma cultura escolar que é desvelada, em muitos aspectos, pelo documento escrito, pela materialidade dos objetos que compuseram o universo da educação na Colônia, mas que oculta talvez, o sujeito que fez parte dela.

Cultura escolar e memória

Construir, delimitar, historicizar e analisar as especificidades da educação em espaços geográficos e temporais menos amplos são, entre outras, tarefas que os pesquisadores em história da educação vêm, sistematicamente se dedicando, sobretudo a partir da década de 1960, quando emergem no cenário acadêmico as investigações sob a perspectiva da História Cultural. Entre os objetos de pesquisa em História da Educação, estão a constituição do espaço escolar e a cultura material da escola. Frago (1995), afirma que o espaço escolar diz, comunica, educa e, portanto não é neutro. Esse espaço é uma construção social, assim como são também as formas como uma determinada cultura escolar se constrói a partir de características singulares e de práticas estabelecidas cultural, política e socialmente e implicadas em um determinado tempo histórico.

Escolano (1993) assinala a ideia de que o espaço escolar é uma espécie de discurso que institui em sua materialidade, um sistema de valores. Pensando nesses termos, é possível entender que, não só o espaço escolar, mas os espaços de escolarização, não necessariamente escolares, que instituem e são instituídos por um sistema de valores, dependendo das particularidades regionais.

Foi no processo identificar algumas características e possíveis especificidades no contexto da educação na RCI, que analisamos os diferentes desdobramentos no que se refere à cultura escolar. As características da cultura escolar surgiram em distintos níveis e, portanto, como afirma Julia, essa “[...] não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém a cada período de sua história, com o

conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política e cultura popular” (2002 p.10).

Com a escuta das memórias, diferentes possibilidades de análises foram surgindo como desdobramentos do universo escolar. Entre esses, um deles chama especial atenção, é o que diz respeito às punições aplicadas às crianças no processo de escolarização na Colônia.

Esse artigo, como já afirmado anteriormente, discute os castigos escolares que emergem das memórias de 14 sujeitos, que foram alunos entre os anos de 1896 a 1928.

As práticas relacionadas aos castigos utilizados pelos professores demarcam um, entre tantos fragmentos da cultura escolar de uma época. Frago diz que “[...] a cultura escolar é constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas, rituais, hábitos e práticas sedimentadas a longo tempo em forma de tradições nas instituições educativas (2002, p.71).

São esses alguns dos elementos presentes nas memórias de cada sujeito entrevistado quando relatam um tempo e espaço escolar e que permite, em certa medida, “enxergar” a educação na Região Colonial Italiana, num processo de análise das mudanças e permanências características de uma época. Nóvoa afirma que “[...] o mínimo que se exige de um educador é que seja capaz de pensar sua ação nas continuidades e mudanças do tempo, participando criticamente na renovação da escola e da pedagogia [...]” (2004, p.9).

Os castigos relatados pelos entrevistados, tão usuais nas práticas escolares no final do século XIX e início do XX, lembrados por muitos como necessário, são impensáveis no universo da cultura escolar do século XXI. A pesquisa traz assim a possibilidade de reflexão de um fragmento do universo escolar, caracterizando um aspecto específico das continuidades e/ou renovações mencionadas por Nóvoa.

Com relação aos castigos, é importante salientar que não eram de fato aconselhados ou estimulados legalmente, pelo contrário, existia oficialmente um discurso para que fosse minimizada ou mesmo suprimida sua aplicação.

Nesse contexto as memórias determinam a possibilidade de uma visibilidade diferenciada da História da Educação nas Antigas Colônias, pois trazem o filtro do vivido, e não do legal, constituindo o que Chartier chama de práticas como sendo essas “criadoras de usos ou de representações que não são absolutamente redutíveis às vontades dos produtores de discursos e de normas” (2004 p. 13).

“Ouvindo memórias, temos contato com documentos carregados de subjetividade, de imprecisões, de incertezas; também de emoções, de convicções e de vontade de ajudar a perceber muitas das ‘cores’ de uma trama” (GRAZZIOTIN, 2008, p. 78).

Mesmo tendo que seguir certa cronologia - pois os acontecimentos permanecem datados num tempo e espaço - trabalhamos com fragmentos, fragmentos de histórias de vida, de depoimentos que misturam as histórias de escolarização, com a história política econômica e cultural de uma comunidade. A idéia dessa pesquisa é, a partir de um conjunto de tramas, lembranças e esquecimentos, alinhar diferentes possibilidades para o que se denomina cultura italiana, não única, linear e estruturada, que demarque uma norma para a educação naquele tempo e espaço, sob determinadas condições, mas dizendo respeito a algumas singularidades ou aspectos comuns às práticas produzidas nas

escolas da região pesquisada. No conjunto de memórias, foi possível analisar diferentes maneiras de perceber o universo escolar além daquelas cristalizadas pelas representações construídas a partir dos referenciais homogeneizadores da identidade italiana e, das leis vigentes na época e, conseqüentemente, da vinculação de ambas com a construção de um processo de educação. “[...], pois quando colocados sob atenção mais aproximada, [...] as generalizações e os rótulos [...] são sempre desafiados pela variedade de referências, diálogos e interesses [...]” (Lima, p. 145, 2006)

Assim, dessa História advinda da História Oral, sendo, composta, portanto de lembranças e esquecimentos, emergiu um espaço variado, impregnado de múltiplos interesses recriado pelas memórias.

Escolarização e castigos

O verbo castigar vem do latim “castigare” e tem identificação de uso no século XIII, como ato de repreender advertir. Punir tem sua origem também no latim “pugno” mão fechada, esse verbo “punir” é identificado no século XIV, como castigar reprimir (CUNHA, 2010).

Sabendo o sentido das duas palavras: castigo e punição, podemos nos questionar sobre seu uso na escola, afinal: punir para que?

Na segunda dissertação de “Para uma genealogia da moral” Nietzsche escreve:

Como se faz no animal- homem- uma memória? Como se imprime uma memória a esses em parte embotado, em parte estovado entendimento-de-instante, a essa viva aptidão de esquecimento, de modo que permaneça presente? Como se pode pensar, não foi precisamente com respostas e meios delicados que esse antiquíssimo problema foi solucionado[...] (1974, p.312)

Não pretendemos aqui nos debruçar sobre a obra desse filósofo contemporâneo, mas nos servir de suas reflexões acerca da memória e sua relação com a dor, o sacrifício e a culpa como forma de entender a adoção de castigos pela escola, ela que estabelece, ainda hoje, uma estreita relação, com a aprendizagem por meio da memorização. Recorremos assim, aos elementos citados à cima para pensar o vínculo deles com a fé cristã, sendo que Nietzsche estabelece essa relação, quando escreve que “[...] nada passou sem sangue, martírio e sacrifício, quando o homem achou necessário fazer uma memória; os mais arrepiantes sacrifícios e penhores, entre os quais o sacrifício do primogênito [...] (1974, p.312). Nessa relação é possível entender, em certa medida, a prática dos castigos na escola, uma vez que essa tem sua origem nas ordens religiosas que por sua vez assumiram, desde a idade média, a tarefas de ensinar, de educar, de memorizar e, portando, o compromisso de fazer o outro aprender.

Talvez não haja nada mais terrível e monstruoso em toda a pré-história do homem do que sua mnemotécnica. Imprimi-se algo a fogo, para que permaneça na memória: somente o que não cessa de fazer mal permanece na memória (Nietzsche, 1974).

Utilizando-se das reflexões de Nietzsche é possível o entendimento de que a escola puniu, em última instância, para conseguir a memorização.

Analisando a organização da escola e o processo civilizador no Brasil entre os anos de 1827 a 1927, Cynthia Greive Veiga, faz referência aos relatórios de um pai que envia uma carta ao delegado dando queixa de um professor que castigou um dos filhos, dando-lhe 33 palmatórias para que o menino compreendesse as contas (2009, p. 77).

Ana Maria Galvão menciona diferentes tipos de castigos e instrumentos utilizados para tal, em pesquisa realizada na região açucareira da Paraíba entre 1890 e 1920, exatamente o mesmo período dessa investigação (2001). A pesquisa de Cesar Castro (2007) ao analisar os castigos no Maranhão apresenta resultados semelhantes aos aqui discutidos.

A cultura do castigo que envolve as práticas, os instrumentos, a legislação, bem como as apropriações das leis vigentes pelos professores para sua aplicação, estão presentes nas pesquisas mencionadas e trazem aspectos em comuns e algumas interessantes variantes com relação à essa investigação. Nas memórias analisadas diferentes relatos relacionam aprendizagem, memorização e castigos.

No universo pesquisado, o castigo físico mais aludido foi à utilização da vara de marmelo e o ato de ficar apenas de joelhos ou de joelhos em cima de grãos de milho. No caso da vara, o aluno recebia varadas nas mãos ou em qualquer parte do corpo, o castigo de ficar de joelhos poderia ser em frente aos demais alunos bem como fora da porta da sala. Dos quatorze entrevistados, cinco mencionaram a utilização da vara ou da vara de marmelo e os outros cinco o ato de ficar de joelhos. Dona Nair Menegotto relata: “Uma vez derrubei um tinteiro de tinta, me pinteí todas as mãos e fiquei de castigo com as mãos ‘palmadas’ prá frente. Os outros riam e eu tinha que ficar bem quieta. De joelhos também fora da porta da sala de aula.” (Entrevista, 1988)

A esses castigos seguem, o ato de ficar em pé em frente à turma ou em cima de um banco, a “reguada” nas mãos, a utilização de um lápis para dar na orelha ou na cabeça, sentar no estrado, ficar em uma cafua. “As freiras tinham embaixo de uma escada uma cafua, enfiavam a criança lá dentro, ou mandavam levantar em pé em cima do banco que ‘sentavam’, um puxão de orelhas, lápis que cantava nas orelhas do freguês ou na cabeça.” (Aleixo Piazza, entrevista 1984), as memórias do senhor Ângelo Araldi trazem esses mesmos castigos “A professora na época usava métodos para manter a disciplina um tanto agressivos, como a famosa vara, ou régua, mas os pais é que mandavam ela usar esse método se seus filhos realmente não obedecessem ou transgredissem qualquer norma da escola” (Entrevista, 1989).

Os castigos morais, cujos alunos eram submetidos à humilhação foram também aludidos e esses consistiam em colocar orelhas de burro ou cartazes nas costas do aluno com as inscrições sobre a falta cometida. Seu Aleixo lembra, “[...] se pegava alguma coisa do outro, ou lápis, canivete, então arrumava um pedaço de papelão e em letras grandes escreviam ‘sou ladrão’ e prendiam nas costas.”

A palmatória, que de acordo com Galvão era um dos instrumentos mais utilizados nas escolas da região açucareira da Paraíba, foi pouco mencionada, parecendo ser pouco

utilizada na Região Colonial Italiana, talvez por tratar-se de um instrumento mais elaborado, que tinha um custo e deveria ser adquirido em algum centro maior, distante da realidade analisada.

Referências a que os meninos eram mais castigados que as meninas, estão presentes nos relatos de dona Catarina e Adelaide, assim como na pesquisa de Galvão. Existe uma transformação nas práticas escolares relacionadas às punições. Ao longo do tempo constata-se que os mesmos professores que relatam os castigos por ele sofridos, mencionam outro tipo de castigo por eles utilizados quando no exercício da docência entre os anos de 1921 a 1944 aproximadamente. Assim, o uso de castigos permanece, pois nove dos quatorze entrevistados se utilizavam desse meio disciplinador. Esses consistiam em: deixar os alunos em pé (dentro ou fora da sala de aula), fazer cópias (tabuada, frases), dar maior quantidade de tema, deixar os alunos sem recreio e soltar mais tarde, somente um dos entrevistados ainda citou a utilização da “vara”. Com o passar do tempo parece ter havido uma diminuição à submissão da dor, permanecendo às punições restritivas do tempo. Mais tempo dentro de sala de aula, mais tempo realizando as tarefas em casa, mais tempo dedicado aos afazeres de aula, o que se transformava em algo penoso.

Resultados e Discussões

Podemos constatar através da análise das entrevistas, que doze, dos quatorze professores, relatam a utilização de castigos como prática escolar na época em que frequentaram o ensino primário e nove, sua utilização no exercício da docência.

Nessa época, os castigos lembrados foram: deixar os alunos de pé, dentro ou fora da sala de aula, fazer cópias (tabuada, frases, tema), deixar os alunos sem recreio, soltar mais tarde, somente um dos entrevistados citou “a vara”.

Com relação às lembranças do tempo que foram alunos, doze relataram que sofreram ou presenciaram algum tipo de castigo. Entre os tipos de castigos se destacam ajoelhar-se no milho, “a vara”, régua, ficar sem recreio, cópia, palmatória, “orelha de burro”, normalmente os alunos ficavam em um lugar onde todos pudessem vê-lo, servindo como exemplo para os outros alunos.

Entre os dez professores analisados, oito trabalharam na zona rural, atuando entre os anos de 1921 e 1944, nove iniciaram ou trabalharam sempre em escolas municipais.

Segundo Veiga “[...] diferentes fatores concorriam para a predominância de uma pedagogia rude, caracterizada pela violência dos adultos contra as crianças, destacando que muitas das vezes, tal relação conflituosa reforçava a negação da escola e do conhecimento por parte das crianças. [...] gerava imposição do professor pelo bom cumprimento de seu próprio ofício.” (2009, p.72).

É possível perceber ainda que, nas práticas da cultura escolar, sem levar em consideração os aspectos legais, com o decorrer do tempo os castigos físicos e de humilhação contra os alunos foi diminuindo, também houve mudança de comportamento dos pais, eles começaram a contestar esta prática.

Referências

- CASTRO, C. A. *Infância e trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa dos Educandos Artífices*. São Luís: EdFUNC, 2007.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológica da língua portuguesa*.
- FISCHER, Beatriz T. Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva, 2005.
- JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação SBHE, Campinas, n. 1, p.-43, jan.2001.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A palmatória era sua vara de condão. In. FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. *Memórias recompondo tempos e espaços da educação – Bom Jesus/RS (1913-1963)*. Tese de doutorado, PUCRS. 2008.
- LIMA, Henrique Espada. *A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades*. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Completas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. (orgs.) *História e memórias da educação no Brasil*. vol. III – século XX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 416-429.
- VEIGA, Cynthia Greive, Elaboração de hábitos civilizados na constituição das relações entre professores e alunos (1827-1927). *Revista Brasileira de História da Educação*. Nº 21 (2009), pp. 61- 91.
- VIÑAO, Antonio. *Sistemas educativos, culturas escolares y reformas*. Madrid: Murata, 2002.
- Documentos:
Acervo documental do ECIRS - Elementos Culturais das Antigas Colônias Italianas da Região Nordeste do Rio Grande do Sul – UCS.

*Recebido em fevereiro de 2013
Aprovado em maio de 2013*